

## MATEANDO

Glaucus Saraiva

Quando a saudade maleva  
Guasqueia forte o meu lombo  
De supetão dou-lhe o tombo  
E espanto a guecha algariada,  
Numa charlita animada  
Com a boca de meu porongo.

Muitas vezes, tironeando,  
Busco a sombra do galpão  
Vou remechendo um tição  
Acordo as brasas soprando,  
E a chama vai levantando  
Do "pai-de-fogo" no chão.

Chego a brasa no crioulo,  
Depois encosto a chaleira,  
Vou direito à prateleira  
E com carinho destampo  
A lata, cheiro de campo,  
Da erva boa da Palmeira.

Palmeio o velho porongo,  
Derramo a erva com jeito,  
Encosto a cuia no peito,  
Batendo a erva pra um lado,  
Com os dedos enconchados  
Formo um topete bem feito

Com um pouquinho de água morna  
Que despejo com cuidado,  
Tenho o amargo ajeitado  
Que ponho a um canto, pra inchar  
Espero a água esquentar  
Pitando um baio sovado.

A pava chiou no fogo,  
encho a cuia que promete  
A espuma se arremete  
Vem pra cima borbulhando  
E acariciante, beijando  
Engrinaldeia o topete.

Agarro a bomba de prata  
Tapo o bocal com o dedão,  
Calço o bojo no chão  
Da cuia e vou destampando  
Um pouco do chimarrão.

Derramo outro tanto d'água,  
O que ainda aumenta o calor  
E o mate confortador  
Vou sorvendo em trago largo,  
Pois me saiu um amargo  
Despachado e roncador

Encho outra vez o porongo  
Vou tragueando lentamente  
E escuto nitidamente,  
Como um chamado ancestral,  
Um murmúrio paternal  
Falando na seiva quente:

"Meu filho, levanta a testa,  
Porque a vida é um desafio  
Se o teu presente é sombrio  
E já sentes, mermando,  
Teu coração balanceando  
Dentro do peito vazio.

Se amores e ideais alçadas  
Muito te custa esquecer  
E se estás a envelhecer  
A mocidade chorando  
Não esquece que, lamentando  
Jamais o fará volver.

Se pelecharam teus sonhos  
Amanenciados em criança;  
Se assististe à matança  
De tua última ilusão,  
Nota bem o chimarrão  
Tem o verde da esperança.